

ELOS HUMANOS E TRABALHO DE CAMPO NA AMAZÔNIA DE MEADOS DO SÉCULO XIX

Carla Oliveira Lima¹

RESUMO

Este artigo retrata as experiências de trabalho de campo do naturalista inglês Alfred Russel Wallace em sua segunda fase de exploração de coleta de espécies: em direção ao Rio Negro, na Amazônia de meados do século XIX. Nessa fase da viagem, busco evidenciar o quanto relações de cooperação e de amizade foram fundamentais na trajetória de homens de ciência em campo, já que esses elos humanos podiam determinar o sucesso ou o fracasso de seus objetivos de viagem. Ao mesmo tempo, busco recuperar o cotidiano das viagens de coleta de A. R. Wallace e as formas pelas quais ele interagiu com o ambiente e as culturas dos lugares que visitou. Nesse sentido, destaco a importância das redes de conexões e a manipulação da infraestrutura humana para realização do trabalho de campo. Graças à experiência de coleta desenvolvida no Brasil, Wallace adquiriu determinadas habilidades e obteve ajuda de uma rede de colaboradores profissionais que foi ampliada devido à sua experiência de coleta na Amazônia.

palavras-chave: Alfred Russel Wallace. Elos Humanos. Trabalho de Campo.

HUMAN TIES AND FIELD WORK IN THE MID 19TH CENTURY AMAZON

ABSTRACT

This article pictures the experiences in fieldwork of the English naturalista Alfred Russell Wallace in his second phase of exploration of collect: of species towards to the Rio Negro, in the Brazilian Amazon in mid of 19th century. At this phase of the trip, I seek to show how much support, cooperation and friendly relations, consolidated within the region visited, were fundamental in the trajectory of men of science in field, since these human links could determine the success or failure of goals of trip. At the same time, in this study, recovers, the daily life of A. R. Wallace; collection trips and the way he interacted with the environment and cultures of the places that he visited. In this sense, I highlight the importance of connection networks and the manipulation of human infrastructure to carry out fieldwork. Thanks to the collection experience developed in Brazil, Wallace acquired skills and obtained help from a network of professional collaborators that was expanded due to his experience collecting in the Amazon.

keywords: Alfred Russel Wallace. Human links. Fieldwork.

Data de submissão: 05.08.2021

Data de aprovação: 19.11.2021

INTRODUÇÃO

“A Description of Santarem.
 “I stand within a city,
 A city strangely small;
 'Tis not at all like Liverpool,
 Like London, not at all.
 The blue waves of the Tapajoz
 Are rippling at its feet,[...]”²

¹ Atuação nas seguintes áreas: História das Ciências, História Ambiental, História da Amazônia. Atualmente trabalha como professora do Ensino Médio e Fundamental no Colégio Militar de Manaus. E-mail: climaster@gmail.com.

² WALLACE, Alfred R. My Life. **London:** Chapman & Hall, 1905, p.279.

O trecho do poema acima foi escrito pelo britânico Herbert Edward Wallace em 1849, durante sua permanência de três meses em Santarém do Pará. Ao longo dos versos de “A Description of Santarem”, o autor retratou elementos que ressaltavam o exotismo tropical de um lugar que, para ele, era estranho: não era Liverpool, nem Londres. Herbert Wallace havia chegado da Inglaterra em julho daquele ano especialmente para trabalhar como assistente das excursões de coleta de espécies de seu irmão mais velho, Alfred Russel Wallace. Em seu poema é possível observar sentimentos que eram de um jovem europeu de 21 anos que apreciava, pela primeira vez, um mundo distante sua terra natal. Essas sensações estavam alinhadas uma mentalidade europeia em voga, que enfatizava a exuberância da natureza e a multiplicidade de formas humanas de regiões tropicais: “The grinning, white-toothed negroes[...].” With skins of every dye, Some black, some brown, some lighter, Some white as you or I.³

Para além das inspirações que o mundo tropical pela primeira vez apreciado efetuou nos versos de Herbert Wallace, a chegada do irmão de Alfred Russel Wallace a Amazônia esclarece que nem sempre a atividade de coleta era um trabalho solitário, mas dependente de cooperação, apoios mútuos, amizade e interações com diversos atores sociais. Nesse sentido, em sua biografia A. R. Wallace ressalta que a estadia em Santarém foi apreciada por ambos por vários motivos: o clima agradável, a abundância de leite e, principalmente, porque haviam desfrutado da companhia agradável de amigos que encontraram naquele espaço.⁴ Trata-se de aspecto salientado por Herbert em um poema no qual, segundo seu irmão, sintetiza o sentimento de ambos no momento da despedida do lugar:

“Farewell to Santarem.”
 “My skiff is waiting on the shore,
 And on the wave is my canoe;
 Ye citizens of Santarem,
 To each and all, adieu!
 The hour has come to bid, with grief,
 Adieu to milk and tender beef.
 “Adieu, the fort upon the hill,
 And yon cathedral’s domes,
 Like guardian giants gazing down
 Upon thy lowly homes;
 Ye naked children, all adieu,
 And thou strange pig with skin of blue
 Farewell, the forest’s deep recess,
 Where Sol can never come;
 Farewell, the campo’s sandy plain,
 The lizards in the sun.
 To water-melons cool, adieu;
 And farewell, old black cook, to you.
 “Adieu, thy shores, broad Tapajoz,
 Within thy heaven-dyed wave,
 At noonday’s silent, sultry hour
 I’ve joy’d to plunge and lave.
 Adieu! to-morrow’s noonday sun,
 I’ll bathe in yellow Amazon.”⁵

Entre as amizades constituídas em Santarém, Wallace destacou: um escocês denominado capitão Hislop, com quem pôde contar para ampliar sua rede de conexões com o propósito de conseguir ajudantes, hospedagem, canoas e mantimentos; e a do coletor britânico Richard Spruce, o qual aportara em Belém no mesmo navio que trouxera Herbert, acompanhado

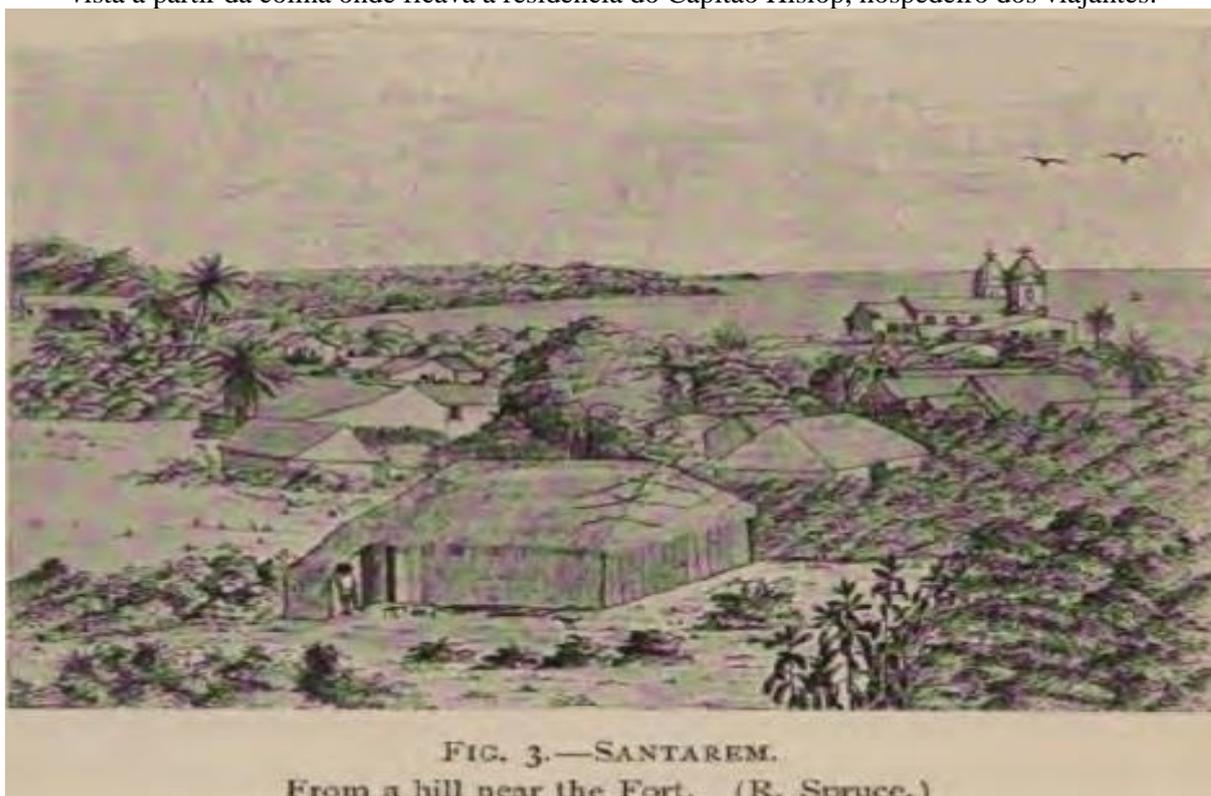
³ Ibidem, p. 280.

⁴ Ibidem, p. 279.

⁵ Ibidem, p. 280-281.

de um aluno e assistente em botânica, Robert King. Foi nesse espaço que Wallace e Spruce, além de coletar, preparar e enviar coleções para Inglaterra, puderam apreciar a convivência com alguns negociantes europeus estabelecidos no lugar, entre os quais três britânicos: Hislop, Jeffries e Golding. Os registros sobre Santarém exaltam o uma pitoresca experiência de usufruir da vida ribeirinha, com direito a conversas entre amigos, agradáveis passeios e banhos nas águas azuis do rio Tapajós.

Figura 1 - Colina próxima ao Forte em Santarém. Desenho de autoria de Spruce. Possivelmente a vista a partir da colina onde ficava a residência do Capitão Hislop, hospedeiro dos viajantes.



Fonte: Spruce, 1908.

Embora Herbert tenha conhecido Spruce e King durante a travessia de 28 dias do navio inglês que o transportou até o porto paraense, foi em Santarém que os irmãos Wallace e aqueles fortaleceram elos de amizade, de confiança e de mútua admiração pessoal. A empatia entre Spruce e Wallace foi de tal importância, que este último retratou seu amigo recém-chegado como um “bem-educado homem”, um “ardente botânico”, alguém com superior inteligência e que possuía uma agradável maneira de ser.⁶ Do mesmo modo, Spruce descreveu seu encontro com Wallace em Santarém, com quem partilhou sua primeira familiarização nos caminhos do campo e com quem conversava e refletia quando se encerrava um duro dia de trabalho.⁷

Esses eventos revelam uma dimensão ainda pouco apreciada na história social das ciências: a importância de elos humanos para a conformação do trabalho de campo de naturalistas. Esse pressuposto foi enfatizado por Jane Camerini em artigo sobre a trajetória de Wallace no Arquipélago Malaio (atual Indonésia, Malásia e Nova Guiné). A autora buscou evidenciar que o trabalho científico, bem como a constituição de carreiras, só se torna possível por meio de um processo “inextricável de interações”.⁸ Por essa razão, para além de lucros

⁶ Ibidem, 276.

⁷ SPRUCE, Richard. *Notes of a botanist on the Amazon and Andes*. Vol. I; editado por Alfred Russel Wallace. London: Macmillan, 1908, p. 72.

⁸ CAMERINI, Jane. *Wallace in the Field*. Osiris 11, 2nd, 1996, p.45.

financeiros, instrumentos, glórias acadêmicas, insetos, aves e espécies botânicas raras, a trajetória de Wallace demonstra a importância que relações de confiança desempenharam na composição de seu trabalho de campo. Partindo desse pressuposto, examinarei, neste artigo, alguns elos humanos constituídos pelo naturalista Alfred Russel Wallace a partir da segunda etapa do empreendimento na região amazônica que compreendeu o roteiro de subida do rio Amazonas e Rio Negro.

1 PONTOS FOCAIS PARA VIAGENS

Os viajantes oitocentistas que seguiam pelo rio Amazonas e pelo seu mais extenso afluente da margem esquerda, o Negro, encontravam pela frente apenas algumas vilas e povoações, as quais variavam em importância político-administrativa e em número de habitantes. Esses aglomerados humanos, segundo informa José Ribamar Bessa, vistos de uma perspectiva “moderna [...] não passavam de pequenas aldeias semi-urbanizadas, onde eram poucos os moradores que se dedicavam a atividades comerciais, administrativas, políticas, militares, artesanais, religiosas, típicas do mundo urbano.”⁹ Grande parte da população desses lugares, por conta das atividades de extrativismo, pesca e agricultura, era obrigada a constituir uma vida itinerante, migrando para outros pontos da geografia do Amazonas durante muitos meses. No entanto, apesar desses núcleos de povoamento não comporem “concentrações humanas densas e estáveis”, era nesses lugares que o viajante podia encontrar instituições tais como: “igreja, escola, botica, às vezes um pequeno hospital, taberna, mercearia, mercadinho, loja de secos e molhados, polícia, quartel, corpo de trabalhadores – e [...] serviços mesmo que precários.”¹⁰ Esses núcleos exerciam o papel de polo de atração para a população ribeirinha, que para lá seguia com o intuito de trocar seus produtos extrativistas por determinados produtos industrializados, ou até mesmo por conta de festejos religiosos. Também eram nesses lugares que remeiros podiam ser contratados, o que revela o quanto vilas e povoações “desempenharam funções essenciais, como pontos focais de uma rede que articulava a economia rural extrativista, de cunho artesanal, através do sistema de comércio regional.”¹¹ Nesse contexto, quanto mais o viajante se afastava da capital do Grão-Pará, Belém, maior os infortúnios estruturais de sua viagem, seja em relação às dificuldades de travessia da grande extensão do Amazonas, que contava apenas com a força humana para mover canoas a remo, seja para suprir suas necessidades por produtos europeus, tais como trigo, vinho, café, açúcar, queijo etc., em sua dieta diária. Para melhor compreensão dessas dinâmicas segue um critério geográfico proposto pelo estudo de Bessa Freire, o qual pontua a seguinte divisão sistemática dessa região:

“o baixo Amazonas, cujas vilas e povoações mantinham relações permanentes e sistemáticas com Belém; o alto Amazonas, incluindo aqui os rios Solimões e Negro, cujas vilas tinham relações esporádicas com a capital; e, finalmente, o sertão, situado nos territórios dos afluentes mais afastados, cabeceiras de rios e interior dos lagos, cujas povoações e sítios não diferiam muito de uma aldeia indígena e permaneciam isoladas, recebendo visitas esparsas de um ou outro comerciante ou funcionário governamental.”¹²

Nesse sentido, Santarém compôs importante ponto de parada no plano de viagem desenhado por Wallace e seu irmão Herbert no interior da bacia amazônica, por ser a vila de maior importância econômica da região do baixo Amazonas, bem como a sede administrativa

⁹ FREIRE, Ribamar Bessa. **Rio Babel: A história das línguas na Amazônia**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2004, p.210.

¹⁰ Ibidem, p. 211.

¹¹ Ibidem, p. 212.

¹² Ibidem, p. 212.

da Comarca do Baixo Amazonas.¹³ Essa especificidade garantiu aos viajantes algum conforto físico e estrutural – hospedagem, serviços, alguns gêneros alimentícios europeus, ajudantes, transporte. Além disso, tratava-se de um espaço que forneceu ambiente propício para interação do viajante com outros europeus ali empenhados em explorar tanto recursos naturais quanto humanos do interior da região. Este era o caso de um escocês denominado “Capitain Hislop”, ator social salientado nas narrativas de viagens do triunvirato britânico: Henry Bates, Alfred Russel Wallace e Richard Spruce.

Conforme Spruce, o escocês, que fora o seu primeiro cordial hospedeiro e o de seus amigos naturalistas no baixo Amazonas, era um “homem robusto e rosado” que tinha, nos dias de sua juventude, seguido para o além-mar, mas não aportado inicialmente na Amazônia. Até os 45 anos, ele se fixara em Cuiabá, no Mato Grosso, capital “montanhosa província”, trabalhando extensivamente como negociante. O curso do Tapajós, segundo ele, alcançava a província do Mato Grosso. Esta ligação natural favoreceu o comércio interior entre as províncias, as quais produziam as seguintes matérias primas: em Cuiabá, havia exploração de diamantes e ouro em pó; Santarém, por sua vez, oferecia guaraná, produtos agrícolas, sal e outros produtos não produzidos no Mato Grosso.¹⁴

Após a ruína de seus negócios em Cuiabá, possivelmente causada pelo esgotamento do garimpo no centro-oeste, Hislop deixou o Mato Grosso e estabeleceu-se em Santarém, onde passou a restringir suas atividades ao comércio com Belém. Mas, além disso, Hislop foi lembrado pelo botânico inglês como um devotado leitor de jornais ingleses e, sobretudo, por seu comportamento franco e caloroso, por sua companhia divertida e valiosa amizade durante sua estada em Santarém.¹⁵

2 HENRIQUE ANTONY: O CLÁSSICO HOSPEDEIRO DE ESTRANGEIROS NA AMAZÔNIA

Nem todos os contatos daqueles naturalistas na região com negociantes e proprietários de terras da região se transformaram em franca amizade. Alguns indivíduos foram acionados formalmente de modo breve, apenas por conta de seus interesses de coleta, explicitando, assim, que houve variação de intensidade e importância nos ciclos de contatos dos estrangeiros. De todo modo, gostaria de sublinhar que, alguns indivíduos de origem europeia residentes naqueles pontos focais de atração humana do interior da região amazônica se tornaram classicamente hospedeiros de vários viajantes europeus que percorreram esse espaço durante o oitocentos. Destaca-se a importância de Henrique Antony, um italiano de Livorno estabelecido em Barra do Rio Negro, hospedeiro e apoiador de vários exploradores do século XIX, entre os quais: Johann Natterer, Edwards, Bates, Wallace, Spruce, Gaetano Oscullati etc. Sobre o negociante italiano, deve-se a Spruce a descrição mais detalhada, conforme o naturalista britânico, O Sr. Henrique – assim tratado por todos na Amazônia – era conhecido como “o amigo de viajantes”, por ter acolhido, durante mais de quarenta anos, forasteiros que passaram por Barra. Por conta dessa atitude, ele foi costumeiramente citado em vários livros de viagens, tais como em Mawe, Smyth e Lowe. Natural de Livorno, o negociante havia emigrado para o Pará em 1821 – um ano após a partida de Belém de Spix e Martius –, quando tinha apenas 15 anos. Posteriormente, subiu o rio Amazonas até Barra do Rio Negro, onde fixou residência. Nesse lugar, ele prosperou de tal maneira, que se transformou na figura mais respeitada da localidade de meados do século XIX, estendendo redes de negócios por vários pontos da geografia da região.¹⁶ Assim, não ao acaso, Spruce pontuou um episódio em que diz ter ouvido, na casa de Antony, pelo menos sete

¹³ Cf. REIS, Arthur Cezar. **Manaós e outras Villas**. Manaus: IGHA, 1934.

¹⁴ SPRUCE, 1908, op. Cit p. 62.

¹⁵ Ibidem, p. 63.

¹⁶ SPRUCE, 1908, pp.201-202.

línguas faladas de pessoas de diferentes nações, já que a posição social do negociante aliada à sua empatia pessoal e cordial hospitalidade serviu como fonte de apoio importante para vários viajantes que alcançaram Barra do Rio Negro.

O comportamento hospitaleiro do negociante italiano deve ser visto como atrelado ao seu interesse pessoal por interagir com pares europeus e, desta forma, minimizar seu isolamento sobre notícias concebidas no Velho Mundo; ademais, sua conduta esclarece o quanto europeus estabelecidos em zonas de contato buscaram se engajar nos ideais europeus de levar “civilização” a culturas e povos de zonas consideradas “primitivas”. Nesse contexto, Henrique Antony foi lembrado por alguns viajantes por sua “missão civilizatória”, que consistia, ao mesmo tempo, em atuar para o progresso econômico da região e não poupar esforços para apoiar homens engajados na difusão do saber e das “luzes” para toda humanidade. Condição que o levou a suprir as necessidades imediatas de hóspedes ilustres por abrigo e comida, a emprestar canoas, a escrever cartas de recomendação, a intermediar contatos e até a proteger e enviar coleções dos naturalistas até Belém para que fossem embarcadas para a Inglaterra. Antony atuou ativamente e facilitou o trabalho de seus amigos coletores de tal modo, que empregou esforços pessoais para cuidar das coleções dos naturalistas quando estes se encontravam distantes de Barra do Rio Negro ou impossibilitados de desembaraçar entraves burocrático-alfandegários que podiam ocasionar a perda de suas coleções. Por sua dedicação, hospitalidade, amizade aos viajantes, Spruce o homenageou: dedicou o melhor gênero de planta que diz ter encontrado no Rio Negro para Henrique Antony, nomeando-a *Henriquezia*.¹⁷

O italiano Osculati também destacou a importância de Antony para seu empreendimento. De acordo com o explorador, Antony se estabelecera em Barra do Rio Negro e, assim como outros indivíduos ricos do lugar, sua fortuna era proveniente de feitorias (de café, açúcar, cana e criação de gado) e também do comércio de produtos extrativos provenientes dos rios Amazonas, Purus, Javari, Jutaí, que consistia em pirarucu seco, castanha, copaíba, salsaparrilha, algodão e tabaco. Para o explorador italiano, o papel de Antony em sua empreitada fora fundamental, tendo em vista que, somente em sua propriedade, podia encontrar relativo conforto, hospitalidade e companhia “civilizada”.¹⁸

3 BARRA DO RIO NEGRO: ARRUINAMENTO E CIVILIZAÇÃO

A importância de Antony foi também explicitada por Alfred Russel Wallace em sua narrativa de viagem no seguinte trecho:

We brought letters to Senhor Henrique Antony, an Italian gentleman settled here many years, and the principal merchant in the city; who received us with such hearty hospitality as at once to make us feel at home. He gave us the use of two large rooms in a new house of his own not quite finished, and invited us to take our meals at his table.¹⁹

Ao longo de quatro anos de exploração na Amazônia, A. R. Wallace foi recebido por cerca de 30 hospedeiros, os quais, após a leitura de suas cartas de recomendações escritas por algum par europeu, ofereciam-lhe moradia, comida, abrigo e tudo o que tivesse ao seu alcance para facilitar seu deslocamento e trabalho de campo. Com isso, nota-se que essas locações, conseguidas por meio da rede de relações que conseguiu constituir no interior da região, determinaram ainda os pontos da geografia a ser percorrido por coletores. Desta maneira, gostaria de evidenciar que, apesar de ser considerada escassa a presença europeia no interior da

¹⁷ SPRUCE, 1908, vol. II, pp. 422-423.

¹⁸ OSCULATI, Gaetano. **Esplorazione delle Regioni Equatoriali**. Milan: Presso I Fratelli, 1854, pp. 243-244.

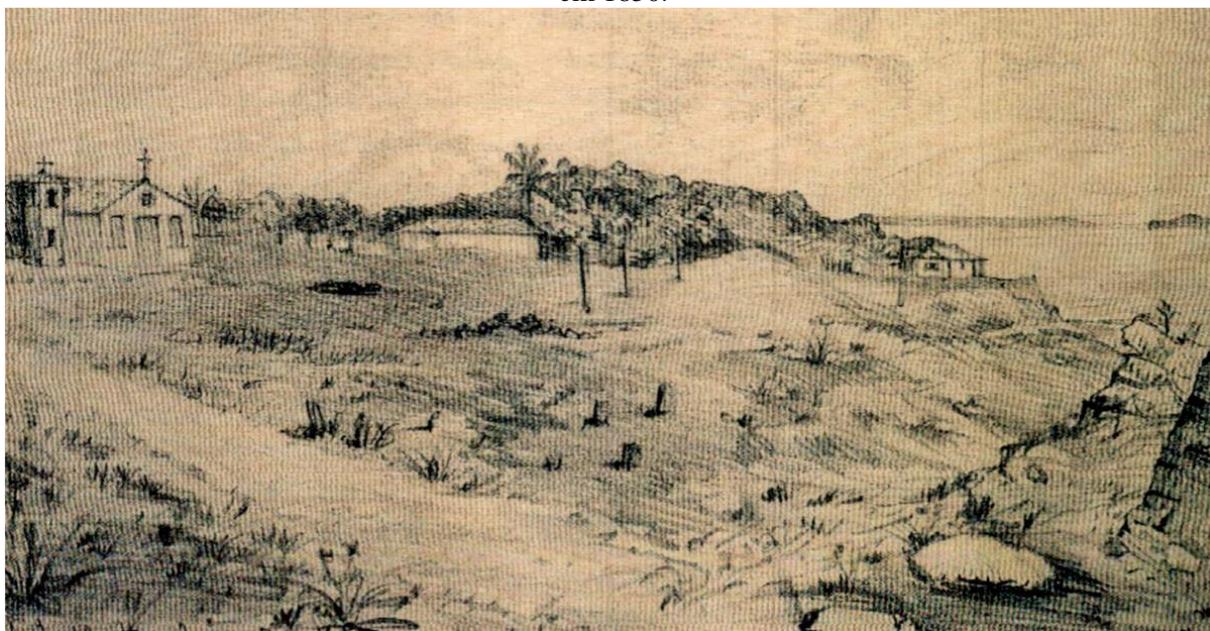
¹⁹ WALLACE, Alfred Russel. **A Narrative of travels on the Amazon and Rio Negro**. London: Ward, Lock and Co., 1889, p.112.

região, a jornada de Wallace só se tornou possível perseguindo os estabelecimentos e zonas de explorações de produtos silvestres ligados ao restrito grupo de europeus residentes na Amazônia.

Apesar do relativo conforto proporcionado pelo negociante italiano Antony, as impressões de Alfred Wallace sobre Barra do Rio Negro não tiveram a mesma conotação favorável como a feita sobre Santarém. Estabelecida na margem direita do Rio Negro, a pequena vila recebeu os irmãos Wallace no dia 31 de dezembro de 1849. Era o início do período de predomínio das chuvas e cheias de rios na bacia amazônica, o que configurava um momento de grande escassez para as dinâmicas locais de comércio e extração de produtos silvestres e, conseqüentemente, para o trabalho de campo de coletores europeus. Durante esse tempo, o naturalista realizou apenas duas curtas excursões de coleta: a primeira até um pequeno povoado do Rio Negro, denominado Castanheiro; e a segunda, por uma pequena propriedade de um português chamado de Balbino, situada no povoado de Manaquiri, no Solimões.

Herbert Wallace fora orientado a coletar separado de seu irmão, em Serpa (atual cidade de Itacoatiara), o que promoveu a divisão dos pontos de coleta. Afora essas explorações, que lhes renderam uma tolerável coleção de pássaros, A. R. Wallace caracterizou os seis meses passados em Barra como uma temporada de “estranha e inexplicável pobreza” e de enfadonha espera. Além da ausência de espécies, o naturalista se ressentia do aspecto arruinado do lugar, a falta de companhia europeia e baixa estima moral de seus moradores. Sobre o primeiro ponto, o naturalista observou que a pequena vila, apesar de possuir ruas regularmente traçadas, não tinha calçamento algum que dispusesse ao transeunte andar com algum conforto. O antigo forte do lugar não passava de ruínas, sendo as duas igrejas da cidade muito pobres e inferiores às de Santarém.

Figura 2 - Representação das ruínas da Fortaleza de Barra do Rio Negro de autoria de A.R.Wallace, em 1850.



Fonte: Wallace Collection British History Natural Museum.

Quanto aos moradores, afirmou residirem no lugar cerca de cinco ou seis mil pessoas, dentre as quais grande parte se constituía de índios e mestiços. Não havia nenhum indivíduo nascido no lugar de puro sangue europeu, mas pelo amalgamado sangue indígena e português. E, por último, sua impressão mais crítica era em relação ao baixo desenvolvimento intelectual da população “civilizada” do lugar. Consoante o naturalista, tal contingente dedicava-se

exclusivamente ao comércio, nunca abriam um livro sequer ou possuíam qualquer outra ocupação mental. Suas horas de lazer eram limitadas ao jogo, à bebida e a trajar-se elegantemente aos domingos para fazer visitas uns a casas dos outros e lá tecer mexericos.²⁰ Embora essas afirmações possam ser interpretadas como uma visão arrogantemente imperialista e etnocêntrica, ela também era parte de um questionamento sobre os resultados da colonização portuguesa em um clima equatorial. O naturalista afirmava categoricamente que o estado de degradação moral do contingente “civilizado” do lugar era parte de um insatisfeito projeto de colonização encetado por Portugal, deixando a entrever que os efeitos do ambiente sobre aquele contingente levaram-no à condição de rebaixamento de sua condição europeia. Por outro lado, também reflete o desconforto do viajante ao se deparar pela primeira vez com um lugar mais isolado, com raras terras cultivadas e também com pouco espaço para cultivo do que ele denomina “valores interiores”, do trabalho, de códigos de etiqueta e de outros princípios valorados no seu mundo Ocidental. Com isso, defende que as enormes distâncias amazônicas, a ausência de um círculo letrado para interagir, a falta de comida europeia, aspectos que, combinados com uma dinâmica social e formas de explorações da natureza avessa às relações constituídas em seu mundo urbano industrial, produziram impactos psicológicos e sensoriais no viajante, os quais podem ter se traduzido em um sentimento de franco desprezo àquela realidade.

No entanto, sua dificuldade de integração a esse contexto não tinha se manifestado tão explicitamente em outros lugares pelos quais aportou desde Belém, a saber: Santarém, Monte Alegre, Óbidos, Vila Nova da Rainha (atual Parintins), Serpa (Itacoatiara). Em Santarém, por exemplo, ao contrário do que caracterizou em Barra, Wallace pontuou que o solo seco, o ar puro, a água limpa, a boa alimentação, os constantes e rigorosos exercícios do campo e a boa vida em companhia de seus amigos formaram uma atmosfera saudável e divertida.²¹

Do mesmo modo, em Vila Nova, a espera de alguns dias para conseguir remeiros e seguir até Barra do Rio Negro fora compensada por atividades regulares de coleta e pela companhia de Padre Torquato (missionário que acompanhara o príncipe Adalberto da Prússia em suas explorações pelo rio Xingu) e de seu amigo Spruce, que havia aportado junto com seu assistente, Robert King, no mesmo lugar e período que os irmãos Wallace.

Na pequena vila assentada às margens do Amazonas e a 369 km da capital da Comarca do Rio Negro, Wallace mencionou a convivência com o padre, que era um “very well-educated and gentlemanly man”²² que gostava de “enigmas, which he amused himself and his friends by inventing and solving.”²³ Aspecto este também salientado por Henry Bates, que chegou à mesma vila pouco tempo depois de Wallace, reforçando mais uma vez o papel que alguns indivíduos “amigáveis” e “inteligentes” exerceram na trajetória de viagem pelo interior da Amazônia. Bates, que percorreu aldeias e povoados do rio Amazonas por mais de uma vez ao longo de seus onze anos de residência na região, evidenciou especialmente sua surpresa ao se deparar com bons leitores entre a comunidade de brancos e mamelucos moradores de Vila Nova:

Next to Padre Torquato, Senhor Meirelles, well deserves mention; a more sensible, intelligent and kind-hearted man I never met with in Brazil. He also held some appointment under Government, but his time was chiefly taken up with the management of his plantations situated three miles below the village. Both these worthy men were fond of reading, and subscribed regularly to Rio Janeiro daily newspapers. Senhor Meirelles spent a deal of money on dear books, which he sent for by a parcel at a time from the metropolis, 2000 miles off. Some of these were

²⁰ Ibidem, p. 113.

²¹ Ibidem, p. 108.

²² Ibidem, p. 110.

²³ Ibidem, p. 110.

Portuguese periodicals, on the plan of the English Penny Magazine; most of them, however, were translations of romances chiefly French. They circulated freely amongst the many readers at Villa Nova. At the time of my visit "Uncle Tom's Cabin," translated into Portuguese, was a great favourite. I found a love of reading not at all uncommon amongst the better sort of people in the towns and villages on the Amazons; it seems natural to the climate, and is promoted by the occupation being well suited to the hot and lazy hours of mid-day.²⁴

Tais trajetos esclarecem que Bates, Wallace e Spruce viajaram perseguindo os mesmos pontos e redes de interações humanas do interior da Amazônia. A Barra do Rio Negro era a base de preparação para penetrar nos chamados "sertões amazônicos", isto é, nos distritos situados em afluentes de rios mais afastados, na cabeceira de rios e interior de lagos e igarapés onde se localizavam alguns povoados e aldeias que apenas esporadicamente tinham contato com alguma autoridade, mercador ou viajante de origem europeia. Assim, apesar das críticas endereçadas ao lugar pelo coletor britânico, não se pode esquecer de que Barra era o núcleo de concentração humana de maior importância da região do alto e médio Amazonas, sobretudo, devido à intrincada rede de negócios que movimentava com os "sertões", como aponta o próprio Wallace: Barra chefiava o comércio de produtos silvestre da região (salsaparrilha, castanha do Brasil e peixe) e também era o "quartel-general" de produtos importados europeus de baixa qualidade usados na negociação com tribos indígenas: "cottongoods of inferior quality, and quantities of coarse cutlery, beads, mirrors, and other trinkets."²⁵ Por outro lado, sua localização – cerca de mil quilômetros de distância de Belém – dificultava a chegada de navios carregados de gêneros de primeira necessidade para um europeu: "The distance from Pará is about a thousand miles, and the voyage up in the wet season often takes from two to three months, so that flour, cheese, wine, and other necessaries, are always very dear, and often not to be obtained."²⁶ Essa distância se tornava ainda mais penosa durante a estação das cheias dos rios, quando uma viagem rio acima poderia durar de dois a três meses. Além do mais, o ar "saturado de umidade" prejudicava suas coleções, tornando quase inúteis seus esforços para combater os estragos que esse ambiente causava às suas peças:

I had now a dull time of it in Barra. The wet season had regularly set in; a day hardly ever passed without rain, and on many days it was incessant. We seized every opportunity for a walk in the forest, but scarcely anything was to be found when we got there, and what we did get was with the greatest difficulty preserved; for the atmosphere was so saturated with moisture that insects moulded, and the feathers and hair dropped from the skins of birds and animals so as to render them quite unserviceable.²⁷

Daí a importância da estação seca, considerada a primavera para colheita de espécies: ela encurtava distâncias e era a ocasião mais segura para o deslocamento de embarcações oriundas de várias partes do lugar. Assim, explica-se o fato da viagem de Wallace para o alto Rio Negro ter iniciado somente no mês de agosto daquele ano, quando o clima úmido regional comporta o início do fenômeno da estiagem na região (de dois a três meses entre agosto a outubro).²⁸ Essas determinações interromperam sua "enfadonha espera" por uma canoa que prosseguisse para o curso do rio pretendido; favoreceram o recebimento de cartas, livros, jornais e instrumentos vindos seu país e o despacho de suas coleções feitas nesse espaço até o porto de Belém. Segundo suas indicações, sua viagem teve início após a chegada de duas embarcações

²⁴ BATES, Henry. *The Naturalist on the Rivers Amazons*. London: John Murray, 1863, p.286.

²⁵ Wallace, Op.cit. 113.

²⁶ Ibidem, 113.

²⁷ Ibidem, p. 119.

²⁸ Cf. AB'SABER, Aziz. *Os Domínios de Natureza no Brasil: Potencialidades Paisagísticas*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003, p.67.

em Barra: a primeira, de estrutura regional, era do negociante português João Lima, que abastecia sua canoa de “quinquilharias” europeias, em Barra, para seguir em direção a pontos mais remotos da geografia, onde comercializava com ribeirinhos e aldeias indígenas. A segunda embarcação era a escuna do súdito inglês Neil Bradley, que cumpria a função de transportar correspondências e mercadorias pelo curso principal do Amazonas, estacionando nos principais núcleos populacionais da região e seguindo até o porto de Belém. Esses indícios esclarecem que, embora de forma precária e demorada, cada uma dessas estruturas cumpria uma função fundamental na empreitada de coletores, seja movendo o naturalista para os pontos desejados, seja enviando os frutos de seu trabalho no campo – espécimes de animais, artefatos indígenas, cartas, artigos – de volta para a Inglaterra.

4 PLANO DE SUBIDA PARA O RIO NEGRO DE A. R. WALLACE: NOVAS INTERAÇÕES, DOENÇAS E RUPTURAS

O plano de A. R. Wallace de subir para o Rio Negro representava seguir para uma região mais carente de contatos, de infraestrutura e coletar não mais acompanhado de um assistente europeu. Neste ponto da viagem de coleta, Herbert Wallace foi dispensado ou havia desistido de seguir viagem para o alto rio Negro, ficando nas proximidades de Barra, possivelmente em Serpa, coletando espécies para pagar suas despesas de retorno para seu país. A vinda de Herbert para o Brasil, possivelmente, fora motivada pela ruptura da sociedade com Henry Walter Bates. Assim, sem Bates, Wallace carecia de um ajudante confiável que falasse inglês.²⁹ Talvez, por esse motivo, tenham sido feitos arranjos familiares para que seu irmão, de apenas 21 anos – o qual não havia tomado um rumo profissional na Inglaterra – fosse empregado como seu auxiliar no trajeto mais ambicioso de sua empreitada de coleta: subir o rio Amazonas. No entanto, após um ano de experiência, segundo Wallace, ficou claro que Herbert Edward Wallace não conseguiria se tornar um bom coletor de história natural, pois, em campo, demonstrava pouco entusiasmo e interesse por aves e insetos, traços essenciais para se ter sucesso no trabalho. Quando partiu para os “sertões”, Wallace diz ter deixado seu irmão gozando da mais perfeita saúde. Em carta endereçada a Spruce e King, escrita em Serpa em dezembro de 1850, Herbert citou sua viagem de retorno:

I am now waiting for a passage to Pará, from thence to return to England, there is a vessel caulking here, I expect will go in two or three weeks; I have a small collection of birds and butterflies, new specimens of the latter are very scarce; I left in Barra with Henrique a small flat clothes box containing shirts &c, have the kindness to tell Henrique to forward as soon as is possible to me, at the house of Manuel Joaquin, Serpa. The Christmas Festa is now over and, this little village has resumed its wonted tranquillity. -- I suppose you intend soon to proceed up the Negro; no doubt my brother now is glorying in Ornithological [[3]] rarities, and revelling amid the sweets of Lepidopterous loveliness But enough! -- a little while, and the winter sea is roaring around my pillow; then shall I envy you in your snug rede, far from the restless billow, - then whilst vainly endeavouring to swallow preserved salmon or other ship luxury, I shall long for my Amazonian appetite and roasted Periniue [?] -- then! -- -- but I will not anticipate, hours [?] which are inevitable.--- I hope yourself and Mr King are in good health, in this respect I have had no cause to complain; wishing both a prosperous and pleasant time.³⁰

Este foi um dos últimos registros deixado por Herbert Wallace em vida. Quando conseguiu alcançar Belém, em maio de 1851, embora tivesse adquirido de pronto uma

²⁹ SLONTTEN, Ross. **The heretic in Darwin's court**: The Life of Alfred Russel Wallace. New York: Columbia University press, 2004, pp.56-57.

³⁰ Carta de Wallace para Richard Spruce e Robert King. Serpa, 1850. In: **Wallace Letters Online**. Disponível em: <http://www.nhm.ac.uk/wallacelettersonline>. Acesso em: 20 maio 2013.

passagem em um navio que sairia para Inglaterra no início de junho daquele ano, ele foi surpreendido pela epidemia de febre amarela que atingira a capital do Grão-Pará nesse período. Herbert não resistiu à doença, falecendo pouco depois de ser infectado. Foi Bates e o vice-cônsul inglês Daniel Miller a prestar assistência médica a Herbert Wallace e, posteriormente, ambos foram responsáveis por informar a família Wallace sobre esses acontecimentos. Em carta de junho de 1851, Bates descreveu as circunstâncias que envolveram a doença e morte de Herbert, bem como os seus esforços e o do vice-cônsul para que lhe fosse restabelecida a saúde:

“I am very sorry to be the bearer of very bad news to yourself & family but believe it to be my duty to communicate what has happened as being the only person here nearly connected with your sons. The event we deplore is the death of your son Edward who breathed his last here on Sunday morning last at 2 O'clock, a victim of the fatal black vomit the worst form of yellow fever. My poor young friend had arrived from the interior about three weeks & had engaged a passage immediately in a vessel to leave for Liverpool on Friday the 6th Inst[ant] To amuse the time until the ship sailed he had taken the same lodgings he had had with his brother in the suburbs very pleasantly situated near the forest & was very frequently at my house which was in the neighbourhood. On the day he was taken ill we were in the city together took a cup of tea at Mr. Millers & went round to make a few small purchases. This was Monday night the 2nd Inst[ant]. On this night he was taken with a shivering & immediately fever & vomit so as to be unable to reach home, I therefore took him into a house on the road where I knew he would be as well or better attended to than at his lodgings. It happened well that he remained here as we should not have been able to have induced a medical man to go out so far to attend a patient – illness being more very prevalent in the city. We got immediately the hotel medical advice, thinking his disease was merely constipation as it is called here but the Doctor treated him for the yellow fever & he was progressing very well on Tuesday when he committed the great improvidence of getting up and walking barefoot about a cold brick floor after mustard plasters had just been taken from his feet. The fever immediately struck inwards & black vomit declared itself early on Wednesday morning resisting all the skill of Dr.. Camillio, until he died as I have already stated after suffering fearfully. It will be more consolation to you to know that he met with the kindest attention from the English residents here especially from the Vice consul Mr Miller who frequently visited him. I myself slept by his side four nights when I was rather alarmed by being suddenly seized with similar symptoms myself, shivering fever & vomit in rapid succession but being of lighter constitution I suppose it did not lay as firm a hold of me, I got better in four days though even now am a little weak from its effects. Poor Edward was much regretted here as being of a genial temper & a good heart, he was in a very robust state of health: he did not converse freely after being first taken but felt upset at being taken thus when on the eve of departure for England. The little property he left is in the Vice Consul's hands who will I suppose arrange accounts with Alfred – Pará is still very sickly another death from yellow fever today [...]"³¹

Esse drama pessoal revela o quanto as relações de amizade entre europeus na Amazônia não apenas foram desenvolvidas a partir do interesse comum pela história natural, mas também forjadas e testadas em momentos de aflição, perigos e doenças. Isto revela que, ao longo de suas excursões pelo interior da Amazônia, o triunvirato (Wallace, Bates e Wallace) britânico morou, coletou, excursionou, escreveu cartas, enviou artigos, trocou correspondências e informações e solidarizou-se em momentos de dificuldades extremas e de privações impostas pelo ambiente. Pode-se atestar essa rede de solidariedades através do episódio que noticiava a doença de Hebert Wallace, narrada por Wallace. Conforme sua descrição, más notícias o aguardavam em Barra. Após desembarcar nesse lugar no dia 15 de setembro de 1851, vindo de sua primeira excursão no rio Negro, encontrou, entre sua correspondência, algumas cartas escritas por Mr. Miller, datadas mais de três meses de sua chegada. As missivas contavam sobre

³¹ Carta de Bates para Mary Anne Greenel. **News of Edwards Wallace's death**. Wallace On Line Transcription. Disponível em: www.nhm.ac.uk. Acesso em: 08 ago. 2011.

o estado de doença avançado de seu irmão e suas poucas esperanças de recuperação.³² Sua chegada em Barra coincidia ainda com a estadia de seu amigo Spruce no local, que aguardava transporte para seguir para o Rio Negro. Spruce, nesta ocasião, ocupava uma casa que se constituía como “clássica” entre viajantes que alcançavam a localidade por ter sido residência do naturalista austríaco Johan Natterer. Este coletor o convidou, então, para que seu amigo se acomodasse em sua residência temporariamente até que ambos conseguissem organizar o empreendimento de viagem de subida do rio Negro, revelando a sintonia de trabalho e de empatia pessoal entre os dois coletores.

O episódio evidencia que, para além de motivações intelectuais, artísticas, aventureiras, viajar para “zonas de contato”, para os “trópicos”, representava ainda se deparar com suas próprias limitações biológicas em relação a doenças, ao clima e à geografia da região. Esta era uma realidade mais presente em lugares mais interiores, onde não eram oferecidas as amenidades de convivência com outros europeus e onde o naturalista se confrontava com maiores obstáculos naturais, longas distâncias, escassez de comida, a densa floresta, pragas de insetos, chuvas e a ameaça constante de acidentes e doenças eram sempre presentes. Em sua subida do Negro em direção ao Uaupés, por exemplo, além dos obstáculos naturais da acidentada geografia desse curso de rio, Wallace e seus ajudantes indígenas adoeceram, possivelmente vítimas de malária.³³

Por conta desse evento, sua subida ao rio Uaupés teve que ser adiada, interrompendo seu projeto de subir o curso na época da estação seca, o período mais favorável para o trabalho em campo. Nessa ocasião, Wallace não permaneceu sozinho entre indígenas que se aproveitaram de seu estado para lhe subtrair objetos e cachaça. Ele também ficou aos cuidados de um amigo, o “Senhor L”, ou João Antônio Lima, o mesmo negociante a lhe conceder passagem em sua primeira excursão ao rio Negro. A saúde do naturalista chegou a um estado crítico de tal modo que o negociante chegou a pensar que não haveria chances para seu recobrimento, fato que motivou a chegada de Spruce a São Gabriel, após ser avisado por Lima sobre a situação de Wallace. Esse aspecto, mais uma vez, reitera o quanto os dois viajantes perseguiram pontos comuns de coleta, comungaram de mesmos interesses e afinidades intelectuais, e se apoiaram mutuamente na dura realidade do campo. Portanto, possivelmente, o aprofundamento destas afinidades seja mesmo o ponto chave para se entender determinadas escolhas no trabalho de campo, pois, diferente de Bates, que preferiu seguir para uma rota oposta (o alto Solimões) na mesma época, Spruce e Wallace planejaram seguir até o alto Rio Negro para, posteriormente, adentrar nos Andes.

Destarte, Wallace e Spruce escolheram um itinerário de viagem comum pela região – o qual deveria, a princípio, subir o Rio Negro até chegar aos Andes – e estabeleceram uma relação de amizade de várias décadas, de tal maneira que Wallace escreveu sobre Spruce nos seguintes termos “among the dearest of my friends, the one towards whom I felt more like a brother than to any other person”.³⁴

Por outro lado, a separação de Wallace e Bates revela que o campo, além de ter beneficiado amizades, relações de solidariedade e afeto, também, por vezes, foi um cenário que favoreceu desentendimentos, competição e rivalidades entre os viajantes naturalistas. Assim, devo mencionar que a versão oficial para o fim da sociedade de coleta dos naturalistas Bates e Wallace na Amazônia se pautou na ideia de que haveria melhores possibilidades de lucros para ambos se por ventura coletassem em separado por diferentes pontos da imensa e diversa bacia amazônica. Porém, o silêncio de suas narrativas sobre uma explicação para o fim da associação levanta a suspeita de que tal desfecho possa estar relacionado a desentendimentos acerca dos

³² WALLACE, 1889: pp. 222-223.

³³ WALLACE, 1889. pp. 233-235.

³⁴ CAMERINI. Jane. **The Alfred Russel Wallace Reader: A Selection of Writings from the field.** London: John Hopkins University Press, 2002, p. 62.

planos de viagem e resultados econômicos de suas coleções ou até mesmo do furor competitivo entre dois talentosos naturalistas, que ambicionavam conseguir créditos por seu trabalho junto aos seus pares ingleses.³⁵

Neste sentido, em seu relato de viagem, Wallace raramente citava a participação de Bates em seus escritos, limitando-se a algumas poucas menções e, quando o fazia, abreviava o seu nome por Mr. B.. Aliás, seus escritos revelam que ambos só definiram direções opostas em seus empreendimentos após atingirem Barra do Rio Negro em 1850. Esta informação refuta inicialmente a tese de que os pesquisadores ambicionaram coletar espécies em diferentes regiões da Amazônia, pois até esse ponto, ambos praticamente percorreram os mesmos pontos de coleta. Outro indício que confirma a possibilidade supracitada foi revelado pelo botânico Richard Spruce em carta escrita em 1849 e endereçada ao diretor do Kew Gardens, William Hooker: “I forget to mention that we have several times seen Mr Wallace. He and Bates quarreled and separated long ago.”³⁶

Nesse sentido, alguns autores têm afirmado que, embora seus textos não as confirmem, suas relações pessoais foram abaladas nessa etapa de viagem.³⁷ O silêncio em seus escritos pode ser explicado como um caso de reticência vitoriana. No entanto, se o desentendimento foi de ordem emocional ou econômica, trata-se de uma questão que dificilmente será esclarecida. De qualquer modo, devo sublinhar que Bates e Wallace, após a ruptura da associação, só se encontrariam novamente uma única vez: em Barra, na Amazônia, 1850, período em que Wallace organizava e esperava partir para o rio Negro. Durante essa época, eles dividiram a ansiedade de espera pela estação seca para iniciar suas viagens rumo a seus respectivos destinos. A dificuldade de integração àquela realidade possivelmente contribuiu para apaziguar prováveis diferenças pessoais entre os dois antigos companheiros de viagem. Desta forma, embora os naturalistas tenham seguido destinos diferentes no campo até o final de suas empreitadas de coleta, continuaram a se corresponder e a trocar informações; isto expõe o fato da cooperação em história natural ser basilar para o amadurecimento de suas teorizações sobre o mundo biológico. Este aspecto pode ser claramente evidenciado na correspondência trocada entre Wallace e Bates, como esclarece o seguinte trecho da carta de Henry Bates para Wallace, escrita por aquele em 1856, portanto, no período em que o último coletava no Continente Malásio:

“Dear Wallace,— ... I received about six months ago a copy of your paper in the *Annals* on “The Laws which have Governed the Introduction of New Species.” I was startled at first to see you already ripe for the enunciation of the theory. You can imagine with what interest I read and studied it, and I must say that it is perfectly well done. The idea is like truth itself, so simple and obvious that those who read and understand it will be struck by its simplicity and yet it is perfectly original. The reasoning is close and clear, and although so brief an essay, it is quite complete, embraces the whole difficulty, and anticipates and annihilates all objections. Few men will be in a condition to comprehend and appreciate the paper, but it will infallibly create for you a high and sound reputation. The theory I quite assent to, and, you

³⁵ Aspecto também confirmado quando os dois naturalistas retornaram de seus empreendimentos de coleta para a Inglaterra em 1862. Conforme Janet Browne, Wallace e Bates tornaram-se membros do seletivo círculo que participava da Zoological Society, ambos desfrutando da companhia do grupo científico mais avançado da Inglaterra. No entanto: “[...] os dois viajantes imaginavam o que ainda tinham em comum, se é que tinham alguma coisa, e seu relacionamento, embora permanecesse próximo, nunca mais foi tão solidário como fora em Leicester ou na selva da América do Sul.” BROWNE, E. Janet. **Charles Darwin: o poder do lugar**. São Paulo: Aracati/Editora Unesp, 2011, p.266.

³⁶ SPRUCE, Richard. **Letters Richard Spruce to Spruce**, 1849, n. 259, Archives of the Royal Botanic Gardens, Kew.

³⁷ Cf. WILLIAMS-ELLIZ, Amabel. **Darwin's Moon: A Biography of Alfred Russel Wallace**. London: Blackie, 1966.

know, was conceived by me also, but I profess that I could not have propounded it with so much force and completeness.”³⁸

5 DESFECHO DA EMPREITADA DE ALFRED RUSSEL WALLACE NA AMAZÔNIA

Portanto, não se pode ignorar que o trabalho de campo era dependente de infraestrutura e conexões humanas constituídas localmente. Sendo assim, cada contato estabelecido na região visitada representava uma parte de seu trabalho realizado, ou a promessa de adquirir e conhecer novidades. Ao longo de seu percurso pelo Rio Negro, embora o naturalista britânico tenha ressaltado sua visão simpática às populações indígenas, considerando-os “genuínos homens da floresta”, Wallace só conseguiu apreciar essa realidade e coletar artefatos usando os mesmos caminhos e relações de poder orquestradas pelo colonialismo europeu na região. Enfim, creio ser importante frisar que, no processo da história natural, relações pessoais entre homens de “ciência” e agentes coloniais influenciaram os resultados de pesquisas naturalistas. Por outro lado, tanto quanto conhecimento técnico para preparar e descrever espécimes, observa-se que interações com o meio, relações de confiança e ações de cooperação desempenharam um papel profundo na composição de coleções naturalistas e teorizações sobre o mundo natural.

REFERÊNCIAS

AB’SABER, Aziz. **Os Domínios de Natureza no Brasil: Potencialidades Paisagísticas**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003, p.67.

BATES, Henry. **The Naturalist on the Rivers Amazons**. London: John Murray, 1863, p.286.

CAMERINI, Jane. **Wallace in the Field**. *Osiris* 11, 2nd, 1996, p.45.

CAMERINI, Jane. **The Alfred Russel Wallace Reader: A Selection of Writings from the field**. London: John Hopkins University Press, 2002, p. 62

Carta de Bates para Mary Anne Greenel. News of Edwards Wallace’s death. **Wallace On Line Transcription**. Disponível em: www.nhm.ac.uk. Acesso em: 08 ago. 2011.

Carta de Wallace para Richard Spruce e Robert King. Serpa, 1850. *In: Wallace Letters Online*. Disponível em: <http://www.nhm.ac.uk/wallacelettersonline>. Acesso em: 20 maio 2013.

FREIRE, Ribamar Bessa. **Rio Babel: A história das línguas na Amazônia**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2004, p.210.

MARCHANT, James. **Alfred Russel Wallace: Letters and Reminiscences**. Vol. I; London: Cassel and company, 1916, pp. 64-65.

OSCOLATI, Gaetano. **Esplorazione delle Regioni Equatoriali**. Milan: Presso I Fratelli, 1854, pp. 243-244.

REIS, Arthur Cezar. **Manaós e outras Villas**. Manaus: IGHA, 1934.

³⁸ MARCHANT, James. **Alfred Russel Wallace: Letters and Reminiscences**. Vol. I; London: Cassel and company, 1916, pp. 64-65.

SLONTTEN, Ross. **The heretic in Darwin's court** : The Life of Alfred Russel Wallace. New York: Columbia University press, 2004, pp.56-57.

SPRUCE, Richard. **Letters Richard Spruce to Spruce**, 1849, n. 259, Archives of the Royal Botanic Gardens, Kew.

SPRUCE, Richard. **Notes of a botanist on the Amazon and Andes**. Vol. I; editado por Alfred Russel Wallace. London: Macmillan, 1908, p. 72.

SPRUCE, Richard. **Notes of a botanist on the Amazon and Andes.vol. II**, 1908.

WALLACE, Alfred R. **My Life**. London: Chapman & Hall, 1905, p.279.

WALLACE. Alfred Russel. **A Narrative of travels on the Amazon and Rio Negro**. London: Ward, Lock and Co., 1889, p.112.

WILLIAMS-ELLIZ, Amabel. **Darwin's Moon: A Biography of Alfred Russel Wallace**. London: Blackie, 1966.